***Angustia* de Graciliano Ramos e seu referencial psicanalítico**

Janis Gonçalves Lana

**Resumo**

A angústia é o afeto (affekt) por excelência na clínica psicanalítica. De acordo com Freud é a matriz de todos os afetos. Para Lacan é o único que não engana: é o sinal da divisão do sujeito entre o gozo e o desejo.

A proximidade entre a psicanálise e a literatura é bem conhecida, a presença do referencial psicanalítico pode se apresentar em dois aspectos: o da psicanálise voltada à literatura e o da literatura aplicada à psicanálise.

Tomando como base de estudo a obra de Graciliano Ramos para a compreender a obra angustia por meio da própria angústia, pode-se associar a angustia à criação de um objeto de arte. No romance de Graciliano Ramos, a angustia é tema da obra e, ainda, há a presença do objeto como causa, através da própria experiência de angustia que é vivenciada pelo protagonista.

Palavras-chave: Graciliano Ramos, Angustia, Psicanálise.

**Abstract**

The anguish is the affection ( Affekt ) for excellence in clinical psychoanalysis . According to Freud is the matrix of all affections. For Lacan is the only one that does not disappoint : it is the sign of the subject's division between joy and desire.

The proximity between psychoanalysis and literature is well known , the presence of psychoanalysis can present in two respects : the psychoanalysis turned to literature and the literature applied to psychoanalysis .

Taking as a basis for study the work of Graciliano Ramos for understanding the anguish through own anguish , one can associate with anguish the creation of an art object. The novel by Graciliano Ramos, the Angustia , which is the subject of the work, there is the presence of the object as cause, through their own experience anguish .

Keywords: Graciliano Ramos, Angustia , Psychoanalysis .

**Introdução**

A proximidade entre a psicanálise e a literatura é bem conhecida, a presença do referencial psicanalítico pode se apresentar em dois aspectos: o da psicanálise voltada à literatura e o da literatura aplicada à psicanálise.

A angústia é tomada como objeto de estudo desde a antiguidade, o termo vem do latim, *angustus* e muitas são as perspectivas acerca do tema. No entanto, o campo da psicanálise entende a angústia em analogia com o contexto sexual humano em que um fator não exclui o outro, pelo contrário, funcionam em reciprocidade, pois a tensão sexual reprimida acha como meio de escape e representação a angústia. Ainda assim, há outros fatores que cerceiam tal sentimento, e, dessa forma, este artigo objetiva abordar a angústia como um mecanismo natural de proteção do indivíduo, o medo do futuro desconhecido como punição.

O sentimento de angústia provém de uma perda e dessa perda houve um trauma. Consequentemente, tal trauma gera medo de um futuro esperado, pode-se dizer que a angústia está atrelada a ansiedade, não se sabe ao certo o que virá, mas evidentemente esse desconhecido causa medo. Dentro da divisão psíquica proposta por Sigmund Freud, Id, ego e superego, há no ego um conflito extenuante, a angústia. Este conflito é gerado da constante censura projetada no superego proveniente dos instintos do id.

Tomando como base de estudo a obra de Graciliano Ramos para a compreensão da angustia por meio da própria angústia, pode-se associar a angustia à criação de um objeto de arte.

No romance de Graciliano Ramos, a *Angustia*, que é tema da obra, há a presença do objeto como causa, através da própria experiência de angustia.

Todavia, no romance *Angustia* a palavra “angustia*”* se destaca como título, mas não aparece no texto, ou seja, é um texto expressionista, onde a angustia não é definida, mas sim apresentada.

De fato, esse instigante romance de Graciliano lança mão de procedimentos característicos do romance moderno do século XX como o monólogo interior e o tempo psicológico. É possível também vislumbrar, no relato de Luís da Silva, uma proximidade entre os planos da ação e da escrita, bem como uma justaposição entre memória e imaginação.

A angustia da narrativa resulta na criação do objeto de arte denominado *Angustia,* usando como ferramenta a própria existência da angustia, visto que existe a presença do objeto como causa. A construção da narrativa recusa a organização em capítulos, a mesma é apresentada em fluxos de consciência.**1..Obra Angústia de Graciliano Ramos**

Angústia, de Graciliano Ramos, assumiu, ao longo do tempo, uma instável posição no discurso crítico nacional (FERREIRA, 2006). Seu deslocamento diante do romance de 30 parece vincular-se ao desconforto que sua classificação suscita, pois, além de desafiar dicotomias tradicionalmente cristalizadas, como regional ou universal, romance social ou intimista, apresenta uma considerável modernidade em relação ao contexto literário brasileiro de então. Sua peculiaridade é forte a ponto de criar a ideia de que esse livro, de 1936, prenunciaria, de certa forma, técnicas e o tom de movimentos literários ocidentais.

Há nas minhas recordações estranhos hiatos. Fixaram-se coisas insignificantes. Depois, um esquecimento quase completo. As minhas ações surgem baralhadas e esmorecidas, como se fossem de outra pessoa. Penso nelas com indiferença. Certos atos parecem inexplicáveis. Até as feições das pessoas e os lugares por onde andei perdem a nitidez. Tudo aquilo era uma confusão, em que se avultava a ideia de reaver Marina (Silva, Luís da; 1953, p. 115).

Na obra Angústia, de Graciliano Ramos, o protagonista, Luís da Silva, é apresentado ao leitor como funcionário público e escritor frustrado. Luís mora com uma tia e vive com o dinheiro que recebe por alguns textos que fornece ao jornal. A narrativa é atemporal no que concerne ao tempo decorrido da obra, pois, narrada em primeira pessoa, relata fatos que já fora vividos.

Luís é incitado ao homicídio de um homem que seduziu, engravidou e abandou Marina, garota por quem Luís se apaixonou e tivera esperanças de se casarem antes de ela o abandonar.

O trecho, além de lançar luz sobre o processo da memorização, que apresenta um caráter fragmentário e outro sistema de valoração, mostra como o narrador vê seu passado recente com uma lente distorcida e fora de foco. Essa constatação traz à tona uma instigante pergunta: como ele conseguiu restituir cada passo de sua trajetória com uma memória tão fraca e oscilante? Outra passagem de Angústia sugere um esboço de resposta: “Procuro recordar-me dos verões sertanejos, que duram anos. A lembrança chega misturada com episódios agarrados aqui e ali, em romances. Dificilmente poderia distinguir a realidade da ficção” (RAMOS, 1953, p. 28).

Entretanto, é importante frisar que a tímida presença da visão retrospectiva do “eu narrador”, o qual alude à concretização do assassinato em raríssimos momentos, produz alguns efeitos. Como antes das passagens finais não há quase referência ao crime, é somente a partir delas que o leitor toma conhecimento do destino de Julião. Vale, portanto, deter-se nas peculiaridades do episódio em questão, ressaltando suas ambiguidades.

Ao longo do romance, o desejo do personagem Luís da Silva de matar seu rival transforma-se em uma obsessão. Certa noite segue-o até Bebedouro, onde morava sua nova namorada. Essa região, bastante afastada, é escura e silenciosa. Em sua descrição, a noite e o sono parecem se estender sobre tudo: além de sua própria sonolência (“Ando meio adormecido” ), o cenário também aparenta dormir “[...] o café estava fechado, na praça deserta as luzes cochilavam” (RAMOS, 1953, p. 239).

A mesma imprecisão atinge a dimensão temporal. Ao comparar seu rival com um balão de São João, resgata sua infância. Essa retomada, muito frequente, aproxima seu passado remoto do relato do crime.

Quando volta a sua casa, o personagem Luís da Silva sintetiza o tratamento dado ao tempo em uma bela imagem: não consegue ver as horas porque havia “uma neblina diante do mostrador” (RAMOS, 1953, p. 236).

No final da obra Angústia, o narrador move-se livremente no tempo, pois os processos psíquicos não seguem a ordem de um calendário (HUMPHREY, 1954). Como o tempo convencional remete à realidade empírica, seu longo fluxo de consciência é marcado por outra modalidade temporal, associada à interioridade: “No tempo não havia horas” (RAMOS, 1953, p. 240). Ao enfatizar o tempo psicológico, insere sua narrativa mais no campo da realidade psíquica do que nos domínios da dita realidade objetiva.

**2 A angustia relatada por Freud**

A angústia, de acordo com Freud é a matriz de todos os afetos. Para Lacan é o único que não engana: é o sinal da divisão do sujeito entre o gozo e o desejo.

O que divide o sujeito é o significante. O sujeito, segundo Lacan, o recebe do Outro de quem depende absolutamente para conhecer o quer que seja acerca de sua necessidade. A demanda endereçada ao Outro retorna ao sujeito como desejo alienado, interpretado, pelo desejo do Outro. O significante, essa marca do desejo do Outro, impõe a um corpo uma exigência de trabalho: a de só poder reencontrar o gozo recorrendo novamente ao campo do Outro.

Freud surpreendeu-se com descoberta de uma estrutura inconsciente subjacente ao sintoma, primeira mentira histérica, em que a causa do desejo sexual é atribuída ao pai. E o que é o inconsciente senão o campo onde se elabora a fantasia? Somente por meio dela – na medida em que se serve dos significantes do Outro, da linguagem e da cultura - se pode sustentar a via do desejo no laço social. Esse último é, como outras formações do inconsciente, uma formação de compromisso entre o objeto perdido da pulsão e os significantes do Outro, da linguagem da cultura.

A fantasia inconsciente é esse operador estrutural necessário ao reencontro do objeto, ou dito de outro modo, à construção de um sintoma como uma modalidade de laço com o objeto. Incluímos na categoria de sintoma todo laço social, na medida em que implica um discurso e portanto a divisão do sujeito. Frequentemente, esse laço é insuficiente para regular o acesso ao gozo para um sujeito e lhe é preciso inventar outra coisa. O nome deste excesso é angústia, um gozo deslocalizado, cujo objeto não se apresenta nas vias da interpretação, da máscara, do engano, do sintoma que é a via do desejo.

**3 A angustia e a psicanálise**

A obra Angustia possui uma estrutura autobiográfica, narrado em primeira pessoa por um homem atormentado por acontecimentos de seu presente, lembranças que se confundem, a infância, o isolamento e o complexo de inferioridade. O tempo da narrativa é psicológico, as referências temporais são captadas no passado através de digressões que se juntam aos dramas do presente, provocando o entrelaçamento temporal sem indicação de passado e presente, o que, na estrutura da obra, configura-se como desordem e fragmentação de ideias.

O foco narrativo é a perspectiva dentro da qual se estrutura o discurso do narrador. Na corrente narrativa, tudo e todos se dispõem como projeção o próprio narrador, submetendo-se à sua visão. O foco narrativo se articula naturalmente e especificamente com outros elementos na construção da obra literária e o principal deles, no caso de Angústia, é o narrador, Luís da Silva, cuja personalidade tem repercussões formais e decisivas na narrativa. Dessa forma, o ponto de vista adotado no romance traz consequências significativas para a composição da obra.

Pode-se afirmar que em Angústia todos os acontecimentos e pensamentos do personagem têm significados múltiplos, apesar da impressão tão pessoal e monológica transmitida do narrador.

O estudo dessa obra, ao fulgor dos conceitos de foco narrativo e monólogo interior, é importante à medida que trás a dimensão da atualidade e inexorabilidade interpretativa da obra de Graciliano Ramos. Diante disso, Angústia constitui um verdadeiro convite à análise e ao estudo em todos os seus aspectos estruturais e semânticos.

Tomando como base o método crítico de Antonio Candido, que busca compreender os mecanismos sociais existentes no texto literário e a forma como eles atuam como componentes da estrutura da obra, fica clara a análise da estrutura narrativa de Angústia, privilegiando os aspectos formais da estruturação que serão associados aos fatores psicológicos e sociais que interferem em sua constituição.

Na narrativa tudo é apresentado pela ótica de Luís da Silva, a história vem filtrada diretamente da mente do personagem, o que, apesar de restringir a visão de outros ângulos da narrativa, contribui para o delineamento mais cuidadoso das motivações psicológicas deste personagem.

Para historiar o drama que tem lugar dentro da consciência individual do personagem Luís da Silva e mimetizar estruturalmente, na narrativa, essa consciência esfacelada, os complexos e os conflitos interiores vividos pelo personagem, Graciliano Ramos aplica algumas técnicas narrativas modernas que são utilizadas para representar o que acontece no interior do personagem: são elas o monólogo interior e o fluxo da consciência, fatores que ficam mais claros a partir das seguintes citações:

O monólogo interior, segundo Humphrey (1976, p.22) :

É a técnica usada na ficção para representar o conteúdo e os processos psíquicos do personagem, parcial ou inteiramente inarticulados, exatamente como esses processos existem em diversos níveis de controle, níveis de controle consciente antes de serem formulados para fala deliberada.

Observemos o trecho abaixo:

Se pudesse, abandonaria tudo e recomeçaria as minhas viagens. Esta vida monótona, agarrada à banca das nove ao meio-dia e das duas às cinco, estúpida. Vida de Sururu. Estúpida. Quando a repartição se fecha, arrastou até o relógio oficial, meto-me no primeiro bonde de Ponta da Terra [... Que estará fazendo Marina? Procuro afastar de mim essa criatura. Um viagem, embriaguez, suicídio... [...] Penso no meu cadáver, magríssimo com os dentes arreganhados, os olhos com os dentes arreganhados, o ,cruzado no peito fundo... [...] Esforço-me por desviar o pensamento dess coisas. Não sou um rato, não quero ser um rato [...] (ANGÚSTIA,1998, p.9).

É possível observar em ambos os trechos representações dos conteúdos e processos psíquico do personagem, exatamente da maneira como vão acontecendo na mente dele, sem que ele verbalize através da fala qualquer um desses pensamentos. Em meio ao monólogo interior, ficamos sabendo que ele sente vontade de abandonar tudo voltar a viajar, não suporta a monotonia da repartição, pensa em Marina, mas procura afastar de si essa criatura, pensa no seu cadáver. Porém, ele se esforça para desviar o pensamento dessas coisas.

A fragmentação de ideias, mistura de elementos e o entrelaçamento temporal presentes na obra surgem de um fluxo incessante de associações mentais do narrador, e o desequilíbrio social psíquico do personagem Luís da Silva contribui para a construção fragmentada oscilante da narrativa.

**Considerações Finais**

A literatura é vista como uma instituição que deve ser questionada, assim como o meio social do qual é parte integrante.

Entretanto, na ficção de Graciliano, a literatura surge como algo essencial e que pode até mesmo dar sentido à vida. É fundamental porque possui o caráter do testemunho, todavia não se realiza de modo pleno, embora os romances do Velho Graça sejam tão bem escritos. Isso se deve ao que Adorno denomina a natureza da culpabilidade na arte contemporânea: a obra de arte é “culpada”, partindo-se do pressuposto de que sua existência legitima a cultura imposta por um sistema opressor de uma sociedade que, paradoxalmente, a própria arte quer questionar.

A arte torna-se cúmplice da barbárie, não obstante o seu papel nesta “barbárie” ser o de opositora. Na escritura de Graciliano, isso faz com que avulte um embate essencial: é uma obra voltada para denunciar a situação dos oprimidos, porém, devido à sua complexidade estética, ajuda a consolidar a instituição literária e a sociedade da qual ela é um dos seus principais fulcros.

A obra do escritor alagoano mostra a preocupação com a reabilitação do romance brasileiro. Para isso, importava deixar de lado os recursos exibicionistas e a linguagem rebuscada, fazendo com que a representação literária buscasse fundamentar-se na essência do conhecimento, da parte do escritor, do objeto a ser representado.

**Referências**

CANDIDO, A. *A personagem no romance.* In: CANDIDO, A. et al. A personagem da ficção. 6.ed. São Paulo: 1981.

SANTOS, Coelho. Teodor. “*A angústia na teoria e na clínica psicanalítica*” in Revista do Tempo psicanalítico, SPID/RJ, Rio de Janeiro, 1994.

CARVALHO, A. L. C de. *Foco narrativo e fluxo da consciência: questões de teoria*

*literária*. São Paulo: Pioneira, 1981.

FERREIRA, Carolina Duarte Damasceno. *Apontamentos sobre o lugar da ficção em Angústia, de Graciliano Ramos*. Revista Sínteses, Campinas, v. 11, p. 139-152, 2006.

HUMPHREY, Robert. *Stream of consciousness in the modern novel*. Berkeley: University of California Press, 1954.

MOISÉS, Massaud. *A gênese do crime em Angústia, de Graciliano Ramos*. In: \_\_\_\_\_\_. BRAYNER, Sônia (Org.). Graciliano Ramos. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 220-231.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

“As estruturas freudianas da psicose e sua reinvenção lacaniana”, in: Sobre a psicose, Contracapa Eds, Rio de Janeiro, 1999.

“O movimento psicanalítico e difusão da psicanálise” Revista do tempo Psicanalítico, SPID/RJ, 1997.

“O saber do psicanalista entre saber suposto e saber exposto” in, O Correio, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, Ed. EBP, outubro 2000.